

ROMANOS

Destinatário

Paulo não conhecia ainda a igreja em Roma (3:10-13), mas tinha por aqueles irmãos uma grande consideração. Anos mais tarde, ele viveria naquela cidade como prisioneiro (Atos 28:30-31). Era uma igreja predominante gentílica (pelos nomes citados por Paulo no fim da carta) e não se sabe ao certo quem teria fundado aquele trabalho.

Contexto Histórico

Paulo estava em Corinto quando escreveu essa carta (15:25-28; 16:23). Ele conhecia muitos membros da igreja em Roma, tanto que enviou saudações a muitos deles, demonstrando intimidade com eles. Deve ter convivido com esses irmãos em outros lugares onde trabalhou como missionário. Seu plano era passar por lá a caminho da Espanha, uma viagem que aparentemente nunca se concretizou.

Esboço da carta

CAP	EVENTO
1:1-17	Saudações Iniciais A apresentação do Evangelho
1:18 a 3:20	A condição do homem sem Deus <ul style="list-style-type: none"> a. O ser humano em geral – 1:18-32 b. O pagão – 2:1-16 c. O judeu – 2:17-29 – 3:8 d. O gentio – 3:9-18 A CONDIÇÃO DO HOMEM SEM DEUS
3:20 a 4:25	O recurso de Deus (Capítulos 3 e 4) <ul style="list-style-type: none"> a. A justiça de Cristo – 3:19-31 b. A fé salvadora – 4:1-25
5	Os resultados da salvação
6 a 8	A santificação (Capítulos 6 a 8)
9 a 11	A soberania de Deus (Capítulos 9 a 11)
12 a 14	A vida prática do crente
15 a 16	Recados pessoais e considerações finais

Conteúdo

1. A condição do homem sem Deus – capítulos 1 a 3

Romanos é uma carta de doutrinas profundas. Muitos a comparam a um tribunal, onde o promotor apresenta as acusações, o advogado apresenta a defesa e o juiz dá o veredito. A condição do ser humano perdido é exposta sem rodeios. O homem não tem desculpas diante de Deus. Sua condição é crítica. A única solução é a própria justiça de Deus, revelada em Jesus Cristo.

Ao mostrar essas verdades, o apóstolo não deixa dúvidas sobre a origem, o meio e os resultados da salvação. Somente pela fé em Cristo podemos ser salvos. Esta verdade permeia toda a epístola, em especial os primeiros capítulos. Ao evangelizar uma pessoa, você terá muitos argumentos importantes em Romanos. Convém ler e reler estes textos ao se preparar para falar de Cristo. Ninguém acha que precisa de salvação enquanto não é convencido pelo Espírito Santo a respeito de sua verdadeira condição.

Na argumentação inspirada do apóstolo, a natureza aparece como testemunha da existência de um Deus soberano, criador e digno de toda adoração (1:18-23), o qual foi rejeitado pela maldade do coração humano, com consequências devastadoras. O comportamento do homem pagão é descrito em toda a sua perfídia (1:24-32).

a. O pagão (2:1-16) - A mania do homem de se comparar ao seu semelhante é uma tentativa vã de fugir da realidade do seu próprio pecado. Acontece que o padrão para o julgamento é o próprio Deus. Nesse caso, a desvantagem é absurda. Eles serão julgados de acordo com o conhecimento natural do que é certo ou errado (v.12-16), gravados em suas consciências.

b. O judeu (2:17-3:8) – o simples fato de ter sobrenome judeu não isenta uma pessoa da condenação contra seu pecado. Cumprir a lei era necessário, coisa que eles nunca conseguiram fazer. Até mesmo um pagão seria justificado, caso cumprisse a lei (v.27). Mas nenhum dos dois conseguiu fazer isso. O mero conhecimento de Deus, através da lei, não tornava o judeu melhor do que os outros (3:1-8).

c. O gentio (3:9-18) – Não existe diferença no estado natural dos seres humanos. A radiografia que Deus apresenta do homem é a pior possível. Nada há que se possa aproveitar dela. Debaixo da mesma condenação e condição encontram-se todos: “não há justo, nenhum sequer” é a sentença e o diagnóstico. Todos estão debaixo do pecado, não importa quanta luz, conhecimento, moralidade ou religiosidade possam apresentar.

2. O recurso de Deus – capítulos 3 a 4

O apóstolo passa a apresentar, então, o que Deus fez a favor do homem para reverter o triste quadro apresentado nos primeiros capítulos. Em uma palavra, a solução é Jesus! Sua justiça é dada como **propiciação**, isto é, como cobertura sobre os nossos pecados, de maneira que, confiados nela, podemos ser salvos. A tônica daqui por diante é “o homem é justificado por fé, independentemente de obras” (3:28, 4:16). Este é o cerne da mensagem do Evangelho.

A **fé** é exemplificada no caso de Abraão. Ele creu em Deus, por isso foi justificado (4:4). A justificação é uma atribuição de justiça: Deus, o soberano Juiz, declara que a pessoa que creu nele é totalmente justa. Não por seus méritos, ou por nada que tenha feito ou apresentado. Apenas por uma decisão judicial do amor e da graça de Deus. Tal homem é bem-aventurado (v.5-8).

3. Os resultados da salvação – capítulo 5

Quando as más notícias da condição humana são transformadas pelas boas notícias da justificação e da salvação pela fé, o cenário e a atmosfera são totalmente modificados. Paulo passa, então, a apresentar os resultados na vida daqueles que são alcançados pela graça de Deus.

Agora, no lugar de castigo, separação e miséria, encontramos paz com Deus, graça, esperança da glória e amor de Deus. Que contraste. Este é um dos capítulos mais conhecidos, citados e queridos de toda a Bíblia. Não é para menos. Só o Evangelho de Deus pode propiciar ao homem as bênçãos do amor do Pai (v.8).

Jesus resolveu o problema da separação (morte) causada pelo pecado. Uma só ofensa trouxe o juízo. Um só ato de justiça trouxe a justificação (5:17-21).

4. A santificação – Capítulo 6 a 8

Resolvida a questão principal, o pecado, agora é hora de tratar da vida cristã. Como deve ser o viver daqueles que foram resgatados de uma vida sem sentido, fadada à perdição eterna e ao comportamento animalesco de andar sem Deus? Seria a graça de Deus tão grande e incompreensível que nos permitiria viver da mesma maneira que antes, sem o risco da perdição eterna?

Para responder a estas propostas (até hoje defendida por alguns), o apóstolo discorre por três longos capítulos. A resposta é evidente. O pecado não pode ser abundante. A graça é que é abundante. A lógica de Paulo é surpreendente. Se morremos para o pecado, fato simbolizado pelo batismo⁷, como poderemos continuar vivendo para ele? A grande diferença é que agora justificados, temos poder sobre o pecado. Não estamos mais sujeitos à sua tirania. O comando da vida do cristão está em suas mãos. Ele só peca se quiser. O pecado passa a ser uma opção, não uma obrigação (6:12-14). Esta argumentação vai ocupar os capítulos 6 e 7. Estamos mortos para o pecado.

Paulo no capítulo 7 explica de que maneira a lei funcionou contra o homem. Ela era boa em si mesmo, mas o pecado operando no coração decaído fez com que ela se tornasse um algoz, expondo de forma inequívoca toda a sua sujeira e enfermidade. O problema não estava na lei, uma vez que esta expunha o coração santo e perfeito de Deus. Mas no homem, que não conseguia chegar à altura do padrão de Deus, mantendo-se, por isso, escravo do pecado.

Finalizando esta seção, encontramos uma declaração de liberdade da parte dos salvos. Através do Senhor Jesus, fomos resgatados da lei do pecado que nos impede de agradecer a Deus, guardando seus mandamentos (8:3). Seu Espírito em nós nos capacita a viver em liberdade do pecado, sem pender para a natureza pecaminosa que habita em nós (8:6-17).

Nesta perspectiva, a glorificação final dos salvos faz deste tempo de sofrimentos um mero pano de fundo para realçar o futuro que nos espera (v. 18-24). O propósito de Deus para seus filhos não se limita apenas a esta vida. Ao contrário, há uma vitória final e definitiva contra o mal e pecado. Estamos já desfrutando a antecipação daquele dia glorioso. A garantia já temos: “*nada pode nos separar no amor de Deus*” (v.39).

5. A soberania de Deus – Capítulos 9 a 11

Os capítulos 9 a 11 formam um parêntese para explicar a soberania de Deus em relação a Israel, o povo de Deus. Por uma decisão do Senhor, Israel foi colocado num desvio profético, devido à sua rejeição do Messias (11:11-12). Esta doutrina é exemplificada na figura de uma oliveira (Israel) 7 O batismo não promove a morte para o pecado (6:4-6). Ele apenas simboliza este fato, que ocorre na conversão do cristão, quando este crê em Cristo, conforme foi demonstrado nos capítulos anteriores.

que tem ramos enxertados (a Igreja, os gentios) em 11:17-22.

Paulo defende o direito que Deus tem de assim determinar, como sendo o Senhor da História.

O texto é claro em afirmar que Deus age de acordo exclusivamente com seus desígnios. Ele não tem satisfações a dar a quem quer que seja (9:14-16). Embora tenha determinado irrevogavelmente que Israel é o seu povo e nesses termos vai voltar a lidar com ele, no presente período é com a Igreja que ele se relaciona (10:19-21), enquanto Israel aguarda seu momento (9:28-29; 11:25).

No futuro, quando a Igreja sai de cena no arrebatamento, Deus volta a tratar de Israel como seu povo no mundo. Este é o assunto do capítulo 11. “Deus não rejeitou seu povo a quem de antemão conheceu” (v.2).

Em todas as coisas, os “insondáveis juízos de Deus” servem para Sua honra e glória eternas, uma vez que todos lhe pertencem por direito. O Senhor Deus é o Soberano de todas as nações (v.33-36).

6. A vida prática do crente – Capítulos 12 a 14

Como em todas as epístolas, Paulo faz uma conexão entre a parte doutrinária e a vida diária dos crentes. No caso de Romanos, depois de expor de onde viemos (a total corrupção da natureza decaída) e o que nos aguarda (a glorificação final), nos é apresentado o que se espera entre esses dois pontos.

1. Uma nova maneira de pensar: a renovação diária (12:1-2)
2. Uma nova maneira de servir a Deus: os dons espirituais (12:3-8)
3. Uma nova maneira de nos relacionar com o próximo (12:9-21)
4. Uma nova maneira de encarar as autoridades (13:1-7)
5. Uma nova maneira de se portar diante da sociedade (13:8-14)
6. Uma nova maneira de viver em comunidade (14:1 – 15:13)

7. Considerações Finais – Capítulos 15 a 16

Planos

Encerrando esta majestosa epístola, que na verdade é um grandioso tratado teológico influenciando a história de Igreja em todos os tempos, o apóstolo fala de seus planos para um futuro próximo. Ele deixa claro que seu ardor missionário estava longe de esmorecer. Gostaria de avançar muito, tendo como estratégia visitar campos pioneiros, onde “Cristo ainda não tinha sido anunciado” (15:20).

O apóstolo estava agora de partida de Corinto rumo a Jerusalém para levar a oferta dos crentes daquela região para os necessitados (15:25-26). Depois disso, ele pretendia passar por Roma em viagem até a Espanha. Não parece que ele tenha conseguido concretizar este plano, uma vez que em Jerusalém ele foi preso e enviado a Roma, sem liberdade para deslocamentos. Esta preocupação de Paulo com sua situação foi alvo de um pedido de oração aos romanos (v.30-31).

Saudações

Os recados pessoais que Paulo envia são cheios de significado. Não apenas por mostrar que ele conhecia e apreciava muitos irmãos daquela localidade, aos quais havia encontrado em suas viagens missionárias (já que nunca havia estado em Roma). As pessoas viajavam muito pelo Império e as cidades onde Paulo se estabelecia eram normalmente centros comerciais e rotas de viajantes. Não é de se admirar que ele conhecesse tantos romanos.

As menções honrosas que ele faz a algumas pessoas são dignas de nota. Por exemplo, ele apresenta a irmã Febe (16:1-2), uma diaconisa, que foi possivelmente a portadora da carta. Menciona Priscila e Áquila (v.3-5), que arriscaram a vida por ele (não sabemos em que circunstâncias), em cuja casa a igreja se reunia. Fala de Rufo, um “eleito no Senhor”, cuja mãe tinha sido também para ele uma mãe (v.13). Todos os termos usados neste capítulo são carinhosos, positivos e de muita instrução. Revelam o coração carinhoso de um pastor, disposto sempre a encontrar o melhor das pessoas, grato e reconhecido por tantas pessoas que ajudaram de uma maneira ou de outra o exercício do seu apostolado. Mesmo ao alertar para o perigo de alguns que causavam divisões, vemos o cuidado de Paulo em preservar a saúde espiritual daquela igreja.